PROCESSO SELETIVO UNIFICADO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU MESTRADO E DOUTORADO 2027/1
MESTRADO E DOUTORADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
(CAMPO GRANDE)

PROVA DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
(Etapa Eliminatória e classificatória)

Número Inscrição da(o) Candidata(o): _____

Linha de Pesquisa para a qual se inscreveu o candidato:

LINGUÍSTICA E SEMIÓTICA

( ) Estudos Linguísticos e Semióticos
( ) Linguagens, Discursos e Educação Linguística Crítica

LITERATURA, ESTUDOS COMPARADOS E INTERARTES
( ) Estudos Comparados e Culturais
( ) Estudos Literários e Interartes

ORIENTAÇÕES GERAIS

Prezada(o) Candidata(o), **LEIA, ATENTAMENTE,** as orientações gerais a seguir:

- A Prova de Conhecimentos Específicos é realizada de forma presencial e tem caráter eliminatório e classificatório;

- A Prova de Conhecimentos Específicos será avaliada em escala de 0,0 (zero) a 10,0 (dez).

- A Prova de Conhecimentos Específicos será avaliada de acordo com os seguintes critérios:

a) Domínio de conhecimento compatível com o nível do curso para o qual está pleiteando uma vaga (valor: 0,0 a 4,0).

b) Capacidade argumentativa e de articulação de ideias sobre o tema, a partir de coerência com o que lhe é solicitado na pergunta e com o referencial teórico proposto (Valor: 0,0 a 4,0).

c) Clareza de comunicação e uso de registro adequado de linguagem (Valor: 0,0 a 2,0).

- A prova terá a duração de 4h, com início às 14h e término às 18h.

- A prova deve ser respondida à caneta de tinta azul ou preta e não deve conter a identificação (nome) da(o) candidata(o).

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS

- A Prova de Conhecimentos Específicos será realizada no dia 26 de outubro de 2026, com início às 14h e término às 18h. Sempre será considerado o horário oficial de Mato Grosso do Sul.

- A Prova de Conhecimentos Específicos será composta por 01 (uma) questão dissertativa.

- A resposta deverá ser apresentada em formato de texto, de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

- A(O) candidata(o) **deverá escolher apenas 01 (uma) questão de sua Linha de Pesquisa para responder**. Para tanto, a(o) candidato deve assinalar com **(X)** a questão escolhida no Caderno de Prova.

- Obrigatoriamente, a(o) candidata(o) **deverá indicar, no início de sua resposta, qual o número da questão que escolheu responder**.

- A(O) candidata(o) que responder mais de uma questão receberá a nota 0,0 (zero) e será eliminada(o) do Processo Seletivo.

- A(O) candidata(o) que responder a uma questão de uma Área de Concentração ou Linha de Pesquisa diferente daquela indicada em sua inscrição receberá a nota 0,0 (zero) e será eliminada(o) do Processo Seletivo.

- O uso de telefones celulares e quaisquer dispositivos eletrônicos, além de material impresso, estará estritamente proibido durante a realização da prova. O candidato deverá **manter seus aparelhos desligados e guardados durante todo o período do exame**. O descumprimento dessa regra poderá resultar na desclassificação do candidato.

- Na folha de rosto do Caderno de Prova e na Folha de Resposta a(o) candidata(o) deverá, obrigatoriamente, identificar apenas o **Número do Protocolo da Inscrição e a Linha de Pesquisa que se submeteu.** Em caso de qualquer identificação pessoal, seja no Caderno de Prova ou na Folha de Resposta, a(o) candidata(o) será eliminado.

- É permitido ir ao banheiro durante a realização da Prova, desde que o candidato informe os aplicadores. O aplicador acompanhará o candidato até a porta do banheiro.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA E SEMIÓTICA

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos e Semióticos

( ) QUESTÃO 01

Leia os seguintes trechos para responder à questão:

Trecho 1:

O léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. [...]

O neologismo é uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Distinguem-se dois tipos de neologismos: 1) o neologismo conceptual e 2) o neologismo formal. No primeiro caso se trata de uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer. [...]

No domínio dos neologismos conceptuais, verifica-se, às vezes, ampliação de um campo semântico através de novas conotações que vão sendo dadas a um significante. [...] (Biderman, Maria Tereza C. Teoria linguística (Teoria lexical e lingüística computacional). São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 203-204).

Trecho 2:

Vícios de Linguagem são alterações defeituosas das normas da língua padrão, provocadas por ignorância, descuido ou descaso por parte do falante.

Os vícios de linguagem se classificam em:

[…]

- Neologismo: emprego de novas palavras que não foram incorporadas pelo idioma.

Ex: Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

(trecho extraído do site MundoEducação, disponível no site https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/gramatica/vicios-linguagem.htm)

Ambos os trechos tratam do fenômeno conhecido como “neologismo”, mas apresentam pontos de vista opostos. Descreva brevemente de que forma cada um dos trechos entende o fenômeno do neologismo, considerando a importância dos neologismos na história da dinâmica lexical das línguas naturais (neologismos versus arcaísmos/conservadorismos lexicais).

Referências:

BIDERMAN, Maria Tereza C. Segunda parte. Fundamentos de Lexicologia. In: BIDERMAN, Maria Tereza C. Teoria linguística (Teoria lexical e linguística computacional). São Paulo: Martins Fontes. p. 97-

213.

ESPELHO DA QUESTÃO:
Espera-se que o candidato perceba que o primeiro trecho tem uma atitude neutra em relação aos neologismos, que pode ser até considerada de aceitação, no sentido
de que apenas descreve uma característica da língua; já o segundo trecho tem uma atitude negativa, de rejeição do neologismo, considerando-o um erro ou vício de linguagem. Espera-se também que o candidato expresse a consciência de que, historicamente, a maior parte dos neologismos é incorporada aos léxicos das línguas.

( ) QUESTÃO 02

A partir da leitura dos textos "O aparelho formal da enunciação", de E. Benveniste, e "Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas", de J. L. Fiorin, discorra sobre a seguinte afirmação do linguista brasileiro: "Greimas herdou de Benveniste uma teoria da enunciação, mas reformulou-a e ampliou-a para explicitar a construção do texto."

Em sua resposta, aborde necessariamente:

1. a constituição da problemática benvenistiana, a partir do pensamento herdado de Saussure, em torno da passagem da língua à fala e da definição de enunciação como instância de mediação;

2. a motivação teórico-epistemológica de Greimas ao incorporar a enunciação ao percurso gerativo do sentido;

3. as operações de debreagem enunciativa e enunciva, embreagem e convocação, explicando sua importância e funcionalidade para a descrição e análise das questões afeitas à enunciação na construção de sentidos dos textos, com foco na discursivização das categorias de pessoa, espaço e tempo;

4. a aplicação ilustrativa de, pelo menos, três conceitos vinculados à abordagem enunciativa, recorrendo a trechos de textos literários ou letras de canções brasileiros.

Referências:

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral II. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. Gragoatá, [S. l.], v. 22, n. 44, p. 970–985, 2017. DOI: 10.22409/gragoata.v22i44.33544. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33544. Acesso em: 23 out. 2025.

ESPELHO DA QUESTÃO:
Benveniste parte da dicotomia saussuriana entre língua e fala e pergunta como se passa de uma à outra. Para ele, essa passagem não é automática: exige uma instância de mediação, a qual é a enunciação, definida como "colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização". A enunciação constitui o ego, hic et nunc — o eu, aqui e agora —, instaurando as categorias de pessoa, espaço e tempo. Essas categorias formam o "aparelho formal da enunciação", responsável por transformar a língua em discurso.

Benveniste também distingue dois modos básicos de enunciação: o discurso, marcado pela primeira pessoa e pelo presente, e a história, marcada pela terceira pessoa e por tempos não vinculados ao

agora.

Greimas, em um primeiro momento, na Semântica estrutural, propõe que, para uma boa descrição semântica, seria necessário "normalizar" o texto, eliminando as categorias da enunciação. Nesse momento, ele ainda não dispõe de uma teoria da enunciação.

Posteriormente, no Dicionário I, assume explicitamente a herança benvenistiana e formula esse conceito para aplicá-lo ao discurso. Na semiótica francesa, o sentido é gerado por um percurso que vai do mais abstrato ao mais concreto: o nível fundamental, o narrativo e o discursivo. A enunciação é a instância que permite a passagem das estruturas semionarrativas às estruturas discursivas, sendo, ao mesmo tempo, o lugar de instauração do sujeito da enunciação. Greimas estuda, sobretudo, a enunciação enunciada, isto é, as marcas que a enunciação deixa no enunciado.

Para operacionalizar essa análise, Greimas descreve três operações. A debreagem é o mecanismo pelo qual a instância da enunciação projeta fora de si as categorias de pessoa, espaço e tempo, povoando o enunciado. Ela pode ser enunciativa, quando instala no enunciado o eu/tu, o aqui e o agora, produzindo a enunciação enunciada; ou enunciva, quando instala o ele, espaços não dêiticos e tempos pretéritos ou futuros, produzindo o enunciado enunciado e um efeito de objetividade. A embreagem é o efeito de retorno à instância de enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre dois termos das categorias de pessoa, espaço ou tempo. Assim, usa-se uma pessoa por outra, um espaço por outro, um tempo por outro, como no exemplo da cantora que fala de si na terceira pessoa. Toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior, pois é preciso haver uma marca que indique ao leitor esse deslocamento. Já a convocação, acrescentada mais tarde por Greimas, é o chamamento em discurso de qualquer grandeza semionarrativa disponível: a enunciação convoca possibilidades ausentes e torna-as presentes. Com isso, a língua não apenas contém um aparelho formal de enunciação: ela é um aparelho formal de enunciação, pois todos os elementos convocados constroem o sujeito enunciador.

Portanto, Greimas herda de Benveniste a ideia de enunciação como instância de mediação entre língua e fala, mas reformula essa teoria para explicar a construção do texto. Ele precisa o conceito com as debreagens enunciativa e enunciva e amplia-o com a embreagem e a convocação. Desse modo, dá maior operacionalidade às noções benvenistianas de discurso e história e mostra que a enunciação é o conceito-chave para que o percurso gerativo do sentido se torne um modelo harmônico e coeso, permitindo a passagem da estrutura ao acontecimento.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Discursos e Educação Linguística Crítica

( ) QUESTÃO 03

Leia os excertos I e II, apresentados seguir, e elabore um texto teórico-analítico de acordo com a questão proposta na sequência:

Excerto I

"[...] Chama atenção a simplificação de sentidos nos discursos sobre imigrantes, pela fixidez e obviedade com que se tomam as posições de sujeitos: nacional versus estrangeiro, local versus imigrante, numa oposição elevada a níveis extremos em alguns contextos [...] Estamos em tempo histórico de poder analiticamente refletir sobre essa (des)construção, já que os fatos discursivos eles mesmos se estruturam nela [...] Em relação às questões linguísticas e da memória discursiva na imigração do período industrial e instauração do estado brasileiro, indicamos suas marcas na atualidade das práticas, na linguagem, na língua

portuguesa falada por brasileiros dessa história, em traços fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, expressões linguísticas, presentes/ausentes que identificam sujeitos. A relação do estado com o bilinguismo surgido nesta situação imprimiu marcas nos discursos, logo, nos sujeitos, por um apagamento tornado necessário e que incidiu na relação dos sujeitos com à(s) língua(s) e a linguagem. Apagamento da cultura/discursividade de imigrantes, silenciamento do discurso – silêncio constitutivo e silêncio local (Orlandi, 1990) suprimiu institucionalmente línguas, enquanto elas resistem de certo modo nas práticas" (Payer, 2015, p. 33-35).

Excerto II

"O gesto de leitura apela diretamente para o olhar, pois lê-se a partir de sinais – gráficos ou não, quer se trate de texto verbal ou não verbal. Limitados ao visível, à superfície material do objeto, apenas decodificamos. Para produzir sentido, é preciso atravessar esses sinais e deixar que as experiências e os conhecimentos que constituem a subjetividade de cada um – sempre semelhante e sempre diferente, singular –, entrem, penetrem no objeto para produzir outro, semelhante e diferente ao mesmo tempo. É essa força de olhar, de ver além do visível, de ler nas linhas do discurso, ultrapassando a banalidade do olhar e do significado, aparentemente único da linguagem e do texto –
modelo tão repetido, ainda hoje, em escolas públicas de ensino fundamental e médio – que urge desenvolver nas crianças e nos jovens. Só investindo na liberdade de interpretação, na possibilidade de se posicionar com ideias diferentes, de discutir e defender a incidência de seu olhar e das vozes que a ele se juntam, tocando no texto com suas experiências e valores pessoais, subjetivos, será possível investir numa juventude criativa, numa sociedade pensante e responsável, que ousa traçar seu caminho, sem ficar presa dos grilhões que tentam controlar, domar, dominar as leituras/interpretações, cerceando a criatividade, a singularidade de cada um... [...] Limitados, portanto, por sua cultura, os grupos sociais almejam se defender da pluralidade de sentidos, do imprevisível, temendo mudanças, transformações de toda a ordem, de causas inconscientes. É contra isso que urge lutar, embora sabendo da impossibilidade do sucesso absoluto [...] Essa é a ética que é preciso construir para que a violência do mundo seja substituída pela violência da interpretação" (Coracini, 2015, p. 123-124).

Questão proposta: Quando analisa traços da memória histórica da imigração, Payer (2015) recorre à problemática da simplificação de sentidos como instrumento de aniquilação das diferenças linguísticas, culturais e discursivas de sujeitos imigrantes, como forma de tentar silenciar, no discurso, o que insiste em (re)existir na prática. Considerando que essa problemática se estende a diversos contextos sociais e levando em conta a importância atribuída por Coracini (2015) de a produção de sentidos "atravessar" a superfície linguística, analise o lugar do discurso como possibilidade de enfrentamento da homogeneização: seja ela de um povo, de uma língua, de práticas educativas ou das lógicas de naturalização que emergem das mídias, sobretudo na determinação do que entendemos como (in)correto, cotidiano, necessário.

Referências:

CORACINI, Maria José. Leitura ou interpretação: pulsão escópica e gesto de violência. In: FLORES, Giovanna Benedetto; NECKEL, Nadia Regia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (org.). Análise de discurso em rede: volume 1: cultura e mídia. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 109-125.
PAYER, Maria Onice. Imigração à deriva e efeitos de extraposição discursiva. In: FLORES, Giovanna Benedetto; NECKEL, Nadia Regia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (org.). Análise de discurso em

rede: volume 1: cultura e mídia. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 29-54.

ESPELHO DA QUESTÃO:
Na construção do texto teórico-analítico solicitado, à luz de perspectiva discursiva, espera-se que a/o candidata/candidato problematize a questão da simplificação de sentidos decorrente de uma leitura puramente linguística, em contraposição a uma leitura discursivo-crítica, que leva em consideração aspectos sociopolíticos, relações humanas, subjetividades e/ou relações de força. Para tanto, são pontos nucleares para a discussão suscitada pelo enunciado: o apagamento da cultura e/ou silenciamento discursivo das diferenças; o papel da subjetividade na promoção de gestos de leitura que desestabilizem evidências de sentido em diferentes discursividades; a relação entre grupos sociais e a naturalização de verdades por/em dispositivos midiáticos. Poderão ser contempladas, ainda, questões relativas à formação de leitoras/es para o exercício de questionamentos e ampliação de sentidos, em oposição a um modelo escolar
hegemônico.
Espera-se que o tema seja abordado de forma científica e com aprofundamento teórico adequado ao nível do curso pleiteado pela/o candidata/o. Que predomine a clareza e a coerência na articulação das ideias, bem como a capacidade de relacionar os conceitos das bibliografias sugeridas no edital do processo seletivo. Na relação com o objeto mobilizado, será valorizado o uso de exemplos que remontem à subjetividade da/o própria/o candidata/o. Por fim, respostas que apenas parafraseiem os excertos, sem articulação teórico-analítica, devem ser penalizadas.

( ) QUESTÃO 04

Texto-base: LAGARES, Xoán Carlos. Minorias linguísticas. In: LAGARES, Xoán Carlos. Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. cap. 3, p. 121–156.
No capítulo indicado, Lagares afirma:
“Ser minoria não é uma questão numérica. As minorias existem sempre em relação a uma posição hegemônica dada.” (Lagares, 2018, p. 121)
Ao discutir as intervenções sobre a realidade linguística de comunidades minorizadas, o autor ressalta:
“É preciso entender que não há receitas universais nem soluções ideais aplicáveis em todos os casos para os conflitos linguísticos provocados pela minorização.” (Lagares, 2018, p. 155)
Com base nesses trechos e na discussão desenvolvida no capítulo, analise de que modo as relações de poder constituem processos de minorização linguística e discuta as possibilidades e os limites das políticas linguísticas no enfrentamento desses processos.
Em sua argumentação, explique por que a condição minoritária de uma língua não pode ser definida apenas pelo número de falantes e examine uma intervenção política que busque ampliar seus usos sociais, considerando as condições históricas e os interesses dos sujeitos envolvidos. Utilize um exemplo apresentado no capítulo ou outro caso pertinente para fundamentar sua análise.

ESPELHO DA QUESTÃO:

1.Núcleo da resposta esperada

Espera-se que o candidato compreenda a minorização linguística como um processo histórico, social e político, constituído por relações assimétricas de poder. A condição minoritária não decorre necessariamente do número reduzido de falantes nem de características estruturais da língua, mas da posição que ela e seus falantes ocupam diante de uma hegemonia linguística.

Uma resposta consistente deverá explicar que uma língua com muitos falantes pode ser minorizada quando encontra obstáculos para circular em espaços socialmente valorizados, como a educação formal, a administração pública e o trabalho. De modo semelhante, uma mesma língua pode ocupar posições distintas em diferentes contextos.

O exemplo do espanhol na Espanha e nos Estados Unidos, discutido no capítulo, permite demonstrar o caráter relacional e situado dessa condição.

2. Relações de poder e produção da minorização

O candidato deverá relacionar a minorização à distribuição desigual de legitimidade, recursos e funções sociais entre as línguas. Espera-se que reconheça o papel do Estado, das instituições educacionais e do mercado na consolidação de uma língua hegemônica, por meio de mecanismos como oficialização, escolarização, exigências de uso e valorização de determinadas práticas linguísticas.

É relevante discutir como as ideologias linguísticas apresentam essas hierarquias como naturais: a língua dominante pode ser associada ao progresso, à unidade nacional ou à competência, enquanto as práticas minorizadas são vinculadas ao atraso ou à inadequação. Uma análise aprofundada deverá mostrar que o prestígio ou o estigma não decorrem de uma superioridade ou inferioridade intrínseca das línguas, mas de relações sociais que também afetam as oportunidades e o reconhecimento de seus falantes.

Caso mobilize o conceito de diglossia, o candidato deverá articulá-lo à distribuição hierarquizada de funções e prestígio, evitando reduzir a discussão à simples coexistência de duas línguas ou variedades.

3. Possibilidades e limites das políticas linguísticas

Espera-se que o candidato examine uma intervenção capaz de ampliar os usos sociais de uma língua minorizada, como sua inclusão na escolarização, sua utilização em serviços públicos, sua cooficialização ou a elaboração de uma forma escrita.

A análise deverá explicar como a intervenção pode modificar as condições de uso e as relações de poder, ultrapassando a defesa genérica da diversidade. Por exemplo, a presença de uma língua minorizada na educação pode ampliar seu reconhecimento institucional e suas funções sociais, desde que existam condições para seu uso efetivo.

O candidato também deverá problematizar os limites da intervenção. São aspectos pertinentes:

a distância entre reconhecimento jurídico e implementação efetiva;

a disponibilidade de recursos, materiais e profissionais;

as resistências institucionais e os preconceitos linguísticos;

a participação dos sujeitos nas decisões sobre suas práticas;

as divergências e desigualdades internas à comunidade;

a possibilidade de uma intervenção produzir novas hierarquias.

Ao discutir a padronização, por exemplo, uma resposta aprofundada poderá reconhecer que ela favorece determinados usos institucionais, mas também pode privilegiar uma variedade e deslegitimar outras. Não se espera a rejeição automática da padronização nem sua apresentação como

solução necessariamente adequada: sua pertinência deve ser avaliada em relação ao contexto e aos objetivos dos sujeitos envolvidos.
4. Interpretação da ausência de "receitas universais"
O candidato deverá compreender que a afirmação de Lagares exige uma análise situada
das políticas linguísticas. Os conflitos envolvem condições históricas, interesses, práticas e relações de poder específicos, que impedem a aplicação automática de uma mesma solução a todas as comunidades.
É especialmente relevante reconhecer que os falantes não constituem um conjunto homogêneo: podem ter diferentes projetos, necessidades e posições sobre a língua.
Assim, enfrentar a minorização exige considerar essas tensões e assegurar condições de participação no debate e nas decisões.
A ausência de soluções universais não deverá ser interpretada como impossibilidade de intervenção. O argumento sustenta a necessidade de decisões contextualizadas, discutidas e avaliadas em seus efeitos. Da mesma forma, a defesa das línguas minorizadas não implica conservar práticas supostamente puras ou imutáveis.
5. Articulação com um exemplo
O exemplo deverá integrar a argumentação, permitindo identificar:
a relação de desigualdade que caracteriza a minorização;
a intervenção proposta ou realizada;
seus possíveis efeitos sobre os usos sociais da língua;
ao menos um limite ou tensão de sua implementação.
Serão aceitos casos apresentados no capítulo ou outros exemplos pertinentes. A simples menção a uma comunidade ou a uma política, sem análise, não demonstra plenamente a aplicação dos conceitos.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA, ESTUDOS COMPARADOS E INTERARTES

Linha de Pesquisa: Estudos Comparados e Culturais
( ) QUESTÃO 05
A partir da aproximação entre as reflexões de María Lugones, em Colonialidade e gênero (2020), e de Josefina Ludmer, em Aquí América Latina: una especulación (2013), desenvolva uma discussão teórica/crítica que contemple: 1) como o sistema moderno-colonial de gênero, conceito formulado por María Lugones (2020), amplia e aprofunda as propostas de Aníbal Quijano (2001) acerca da "colonialidade do poder" ao incorporar o gênero como uma dimensão basilar das relações coloniais de instituição de poder; 2) como o sistema moderno/colonial de gênero contribui para uma crítica às concepções universalizantes da categoria "mulher" e, por extensão, para a construção de um feminismo decolonial, 3) os modos em que tais perspectivas teóricas e críticas têm sido lidas, pensadas e refletidas nas construções de narrativas literárias e/ou em produções artísticas e culturais latino-americanas na América Latina, em especial na produção de mulheres em distintos suportes e gêneros, inclusive nas bordas e em produções que borram fronteiras entre estética, escrita ficcional e outras construções textuais para, de fato, desmontar o campo artístico como separação entre ficção e realidade, articulando formas outras de (re)visitar história, memória, gênero.

Observe os excertos a seguir e considere-os para a articulação de sua resposta e organização de seus argumentos.

I - " '[C]olonialidade' não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas". (202, p. 57).

II- A interseccionalidade revela o que não conseguimos ver quando categorias como gênero e raça são concebidas separadas uma da outra. A denominação categorial constrói o que nomeia. Enquanto feministas de cor, temos feito um esforço conceitual na direção de uma análise que enfatiza a intersecção das categorias raça e gênero, porque as categorias invisibilizam aquelas que são dominadas e vitimizadas sob a rubrica das categorias "mulher" e as categorias raciais "negra", "hispânica", "asiática", "nativo-americana", "chicana"; as categorias invisibilizam as mulheres de cor. Como já indiquei, a autodenominação mulheres de cor não é equivalente aos termos raciais impostos pelo Estado racista, e sim proposta em grande tensão com eles. Ainda que na modernidade eurocêntrica capitalista sejamos todos/as racializados/as e um gênero nos seja atribuído, nem todos/as somos dominados/as ou vitimizados/as por esse processo. (2020, p.59-60).

III- "Imaginamos então um sistema literário mais ou menos autônomo, uma ordem de tensões, um conjunto de visibilidades em movimento, em que as ficções são agrupadas por seus tempos, ao passo que os tempos das ficções agrupam os escritores. Os escritores são "a realidade" (a personagem real que a temporalidade precisa para se deslocar na realidadeficção) e se diferenciam e associam segundo tipos de escritores (de acordo com uma classificação burda), além de se diferenciar segundo diferentes graus de visibilidade, de acordo com a frequência de aparição nos meios. (...) Imaginemos que as temporalidades nacionais (com a história, a memória e o golpe) ou globais (com a utopia, a ficção científica e diversos apocalipses) ordenam as ficções, os gêneros literários, mas também ordenam os próprios escritores, que se reúnem e se associam de diversos modos. Os escritores jovens e as mulheres se voltam para os diferentes passados, na forma de história e memória, sendo enquadrados em gêneros literários precisos, reconhecíveis e visíveis (...) (Ludmer, 2013, p. 77, 78).

IV- No entanto, meu sistema literário não implica hierarquias e nem valores. Não tem centro ou periferia, em cima ou embaixo, porque é um sistema feito de tempos e de visibilidades. Tem "escritores jovens e mulheres", com história e memória (além de gêneros literários bem definidos), "escritores intelectuais" com o golpe de 1930, o fascismo e Lugones, e agora, como veremos, "puros escritores".

Em um lugar diferente do campo (em outro encaixe ou em uma borda), com menos visibilidade, aparecem as temporalidades globais com os passados, as utopias e a ficção científica do ano 2000, trazendo outro tipo de escritores e outro modo de ordenar a realidadeficção. Os sujeitos dessa nação se encontram fora da nação ou em uma não nação. Seus escritores aparecem como mais vanguardistas, mais experimentais, mais secretos: mais literários. (Ludmer, 2013, p. 79)

ESPELHO DA QUESTÃO:

A resposta deve demonstrar compreensão dos seguintes conceitos, bem como de sua articulação: de María Lugones, é importante destacar a ideia de que, no sistema modemo/colonial de gênero, a ideia

de gênero é concebida não como categoria transhistórica, mas como imposição colonial que se articula com raça, sexualidade e classe, pois Lugones argumenta que o gênero foi "inventado" pela colonialidade para organizar a dominação sobre corpos colonizados, e que as sociedades pré-coloniais não possuíam um princípio organizador equivalente ao gênero ocidental. Quanto à colonialidade de gênero, é preciso demonstrar entendimento de que a opressão de gênero racializada e capitalista, opera tanto no "lado visível/claro" (que organiza as vidas de homens e mulheres brancos e burgueses) quanto no "lado oculto/escuro" (completamente violento, que atinge corpos colonizados, racializados). Nesse sentido, a proposta de um feminismo decolonial se vislumbra não como adição de "mulheres" ao sujeito universal, mas como projeto que reconhece a diferença colonial e desmonta as categorias impostas, de modo que a interseccionalidade passa a revelar o que não se vê quando categorias como gênero e raça se conceitualizam como separadas uma da outra. Na articulação com o pensamento de Josefina Ludmer, podem ser trazidos para a discussão os conceitos de Realidadficción e imaginación pública, uma vez que demonstram como a dissolução das fronteiras entre realidade e ficção na contemporaneidade latino-americana tem sido recurso e estratégia estética: a realidade não quer ser representada porque já é pura representação. Assim, a literatura, pós-autônoma, perde sua autonomia e se confunde com outras esferas do social, do mercado e da política. A escrita, a produção artística e cultural, assim como a própria crítica, a partir do que a autora faz em *Aqui América Latina, uma especulação*, borra fronteiras, insere a performance e a subjetividade, escapa de estruturas acadêmicas, de gêneros. Ambas autoras podem ser aproximadas e articuladas pela compreensão de que, assim como Lugones desmonta a categoria "mulher" como construto colonial que homogeneíza e invisibiliza diferenças (raciais, sexuais, de classe), Ludmer desmonta a "literatura" como campo autônomo que separa ficção de realidade. Ambas apontam para a necessidade de categorias situadas, interseccionais e não universalizantes. Outra aproximação pode destacar como a escrita literária e/ou as produções artísticas podem ser vistas como prática descolonial e como "fábrica de realidade", pois, se para Lugones a resistência à colonialidade do gênero se dá na "mente das sujeitas colonizadas" e em práticas cotidianas de subversão, para Ludmer a escrita (literária e crítica) é o espaço onde a "imaginação pública" se produz e onde novas realidades são fabricadas. As escritas de mulheres que borram fronteiras de gênero textual podem ser lidas como operações que simultaneamente resistem à imposição colonial de gênero e produzem formas alternativas de "realidadficción".

A modo de exemplificação ou aprofundamento da discussão através de considerações a partir de objetos estéticos (gerais ou específicos, eventualmente citados na resposta), a argumentação apresentada deve considerar como as produções que se situam "nas bordas" — entre ficção e crítica, entre gêneros, em suportes não hegemônicos — ocupam um lugar análogo ao "lado oculto/escuro" em Lugones: um espaço de violência, mas também de resistência e criatividade, onde as categorias impostas são simultaneamente vividas e subvertidas.

( ) QUESTÃO 06

Leia atentamente as duas passagens abaixo, sendo uma do indo-britânico Homi K. Bhabha, retirada de seu texto “DisseminNação”, constante do livro O local da cultura (1998), e a outra passagem do intelectual brasileiro Silviano Santiago, presente no livro O grande relógio (2024):

> O título deste capítulo — DissemiNação — deve algo à perspicácia e à sabedoria de Jacques Derrida, mas ainda também à minha própria experiência de migração. Vivi aquele momento de dispersão de povos que, em outros tempos e em outros lugares, nas nações de outros, transforma-se num tempo de reunião. Reuniões de exilados, *émigrés* e refugiados, reunindo-se às margens de culturas "estrangeiras", reunindo-se nas fronteiras; [...] reunindo o passado num ritual de revivescência; reunindo o presente. Também a reunião de povos na diáspora: contratados, migrantes, refugiados; [...] A reunião de nuvens às quais o poeta palestino Mahmoud Darwish pergunta: "Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?" (BHABHA, 1998, p. 198)

> Minha intenção é a de explicitar filosoficamente a noção de suplementariedade como eficiente andaime no trabalho de construção a que nos dedicamos, o da montagem em praça pública de O grande relógio, mas no tempo e no espaço que escapa ao meridiano de Greenwich, o da leitura (p.101) [...] A leitura suplementar se abre no lugar e no tempo da diferença, "conceito" evidentemente de inspiração derridiana, ou seja, de ordem desconstrutora. (p.102). Neste ensaio, disseminação tem sentido semelhante ao que é dado à atividade do colibri a disseminar o pólen ocidental pela *wilderness* brasileira (p.94). (SANTIAGO, 2024).

Ambas as passagens atestam, inclusive textualmente, que seus respectivos autores dialogam diretamente com o filósofo franco-argelino Jacques Derrida e sua teoria filosófica da desconstrução. Conceitos como disseminação, hospitalidade, suplementariedade, diferença, entre outros, são recorrentes tanto nas discussões de Bhabha quanto nas de Silviano. Isso, por sua vez, endossa a perspectiva desconstrutora presente na reflexão crítica de ambos os autores, como ilustram as passagens supracitadas. Considerando o exposto, pois, mais a constatação de que Derrida suplementa, por meio de sua teoria da desconstrução, o pensamento logocêntrico, que Bhabha suplementa, por meio da teorização pós-colonial, o pensamento ocidental moderno e que Silviano suplementa, por meio de uma teorização do entre-lugar periférico, a formação da tradição literária ocidental — discorra acerca da importância do papel e função que a suplementariedade ocupa no pensamento moderno desconstrutor, especificamente quando esse pensamento vem atravessado pelos conceitos de hospitalidade e disseminação.

ESPELHO DA QUESTÃO:
Para que a resposta seja considerada satisfatória é condição sine qua non que o candidato contemple: a) o conceito de disseminação proposto por Jacques Derrida e retrabalhado por Homi Bbabha e Silviano Santiago; b) o conceito de hospitalidade proposto por Jacques Derrida e retrabalhado por Homi Bhabha e Silviano Santiago; c) o conceito de suplementariedade proposto por Jacques Derrida e retrabalhado por Homi Bhabha e Silviano Santiago. É imperativo que a resposta contemple também as referências — BHABHA, Homi. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo horizonte, MG: Ed. UFMG, 1998. P. 198-238 (Humanitas, 24). DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. Da hospitalidade.

São Paulo: Escuta, 2003. SANTIAGO, Silviano. O grande relógio: a que hora o mundo recomeça. São Paulo: Editora Nós, 2024 — conforme constam da bibliografia indicada.

Linha de Pesquisa: Estudos Literários e Interartes

( ) QUESTÃO 07

Em A Poética da Relação, Edouard Glissant, além de desestabilizar a língua francesa, desejoso como seus conterrâneos Aimé Césaire e Patrick Chamoiseau em estabelecer uma identidade antilhana e não eurocêntrica, intenta demonstrar como se constrói o conceito de "relação", que não existe de per si, as a partir de uma teia de multiplicidades que enreda o sujeito colonizado e que rompe com o imaginário da existência da pureza. Não há totalidade; o que existe é diversidade e subjetividades diversas. Por seu turno, Jaime Ginzburg em Literatura, violência e melancolia assevera que a literatura é capaz de criar, com seus "[...] textos polissêmicos, abertos, cujas possibilidades de interpretação são renovadas constantemente" (2012, p. 107), uma variedade de orientações éticas de caráter individual e coletivo. A partir da leitura dos textos de Glissant e de Ginzburg e de seus conhecimentos acerca das temáticas em questão, como a elaboração narrativa literária de experiências violentas e traumáticas pode expressar a multiplicidade e a diversidade das memórias que constituem o sujeito colonizado, sem perder o seu valor estético?

ESPELHO DA QUESTÃO

1. a interpelação urgente especialmente dos mundos colonizados e que hoje convivem com a violência, o racismo estrutural e o memoricídio e a necessidade de criticar e de superar a dominação dos centros hegemônicos contemporâneos;
2. a percepção de que tanto o texto de Glissant quanto o de Ginzburg envolvem uma estética e uma política que mobilizam a literatura, por meio de narrativas marcadas por experiências oriundas da violência e do trauma;
3. a argumentação em torno da relação como um discurso, uma narrativa que rompe com a univocidade das identidades clássicas, fundadas na invenção de uma origem única, estendendo-se para narrativas literárias que trazem as memórias de sujeitos que passaram, e passam, por situações de exceção em quaisquer contextos socioeconômicos, políticos e culturais.

Obs: esses itens têm sua gênese no artigo A filosofia da relação de Edouard Glissant: uma breve introdução, de Luis Carlos Ferreira dos Santos. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Revista+Idea%C3%A7%C3%A3o+48+062+-+77+-+Lu%C3%ADs+Carlos+Ferreira+dos+Santos+-+A+filosofia+da+rela%C3%A7%C3%A3o+de+%C3%89douard+Glissant%20(3).pdf. Acesso em: 13 out. 2026.

( ) QUESTÃO 08

Considere os trechos a seguir extraídos dos livros "O som e o sentido", de José Miguel Wisnik, e "Cultura da Convergência", de Henry Jenkins:

"Se os pólos polarizam e produzem toda espécie de extremos, o meio é a mixagem: nunca foi tão fluida a passagem entre músicas 'eruditas' e 'populares'. Não me refiro à média medíocre, mas àquele meio-campo que há entre os meios tons e as mutações. As faixas de onda dos mais diversos repertórios se contaminam e se interferem, levadas pela aceleração geral do trânsito das mercadorias e pelo traço polimorfo da sua base social e cultural: as músicas da Europa e da África se fundindo sobre as Américas."(WISNIK, José Miguel, O som e o sentido, p. 210)

"Coloca-se mais ênfase nos perigos da manipulação do que nas possibilidades de participação; fala-se mais em restringir o acesso – desligar a televisão, dizer não ao Nintendo – do que em expandir habilidades para utilizar as mídias para nossos próprios fins, reescrevendo as histórias que a cultura nos concede. [...] Precisamos repensar os objetivos da educação midiática, a fim de que os jovens possam vir a se considerar produtores e participantes culturais, e não apenas consumidores, críticos ou não." (JENKINS, Henry, Cultura da Convergência, p. 351)

Com base nos excertos de José Miguel Wisnik e Henry Jenkins, discuta em que condições as relações entre arte contemporânea e cultura do entretenimento podem favorecer ou dificultar a formação crítica dos sujeitos.
Em sua argumentação, examine as trocas entre repertórios e linguagens artísticas, as tensões entre a participação do público e os interesses mercadológicos e o papel das artes na construção de modos de perceber, interpretar e produzir cultura. Desenvolva sua análise a partir de um exemplo de obra artística ou prática cultural.

ESPELHO DA QUESTÃO
• Articulação entre os autores: relacionar as trocas entre repertórios, em Wisnik, à participação cultural e à educação midiática, em Jenkins.
• Relações entre arte e entretenimento: reconhecer intercâmbios, apropriações e tensões, evitando hierarquias automáticas entre erudito e popular.
• Dimensão estética: examinar como escolhas de linguagem transformam a percepção e produzem sentidos.
• Mercado e poder: discutir interesses comerciais, controle da circulação e desigualdade de recursos e oportunidades.
• Exemplo desenvolvido: explicar como a obra ou prática escolhida sustenta o argumento.